

Paulo Osorio

Aguilhadadas

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 12 — Agosto de 1904

*A primeira serie das "Aguilhadadas,"
— O caso do Pimenta — Os livros
novos, de Bruno e Mayer Garção —
Odor di femina.*

PORTO * * * * *
ADMINISTRAÇÃO : AVENIDA DE CARREIROS, 250 * *
TYP. A VAPOR DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA *
EDITOR — ALBERTO FERREIRA DAS NEVES * * * *



Alipio Dias Costa

COMPRA E VENDE

Papeis de credito

Inscrições,
Obrigações, Acções de Bancos
e Companhias.

—
Compra de Coupons.

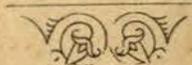
Averbamento de Titulos.

—
Divida externa Portugueza.

Cambios

Libras,
Francos, Pesetas, Cheques,
e a 90 d. /v.

—
Cotação do dia



“SMITH PREMIER,,

MACHINA DE ESCREVER



Esta machina, a melhor de todas pela sua durabilidade e perfeição de funcionamento, tem sido magnificamente acollida nas principaes casas de commercio d'esta cidade. Em menos d'um mez foram vendidas, só no Porto, mais de 50 machinas. Innumeros attestados garantem a superioridade da *Smith Premier* sobre a *Remington*, *Yost* e todas as outras marcas concorrentes.

GRAND PRIX 1900

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agencia no Porto

Rua do Mousinho da Silveira, 298.

PAULO OSORIO

AGUILHADAS

N.º 12 — AGOSTO DE 1904

Summario

A primeira serie das *Aguilhadas*. Desillusões. O que o auctor pensava da terra em que nasceu, quando menino e moço sahiu em ar de guerra de casa de seus paes. As bestas. As conclusões da pathologia nervosa. Camões e Dom Bramão, João das Regras e o snr. Hintze, o condestavel D. Nuno e o snr. Pimentel Pinto. Portugal amanuense. Breve registo de poucas-vergonhas varias. Historia d'um estadista gordo, d'um partidario manhoso e d'um ministro tyranno. As *Aguilhadas*, a Divina Providencia e a protecção das leis do reino. A nossa imprensa e sua adjectivação encomiastica. A catechese d'um. Programma futuro, com citações eruditas no devaneio das quaes o auctor se compara a um pas-sarinho.—O caso clinico Alfredo Pimenta. Sensiveis melhoras. Prognos-tico que se confirma. A mascara Claudio Larcher.—Livros novos: *O Encoberto*, por Bruno e *A minha paisagem*, por Mayer. —Um invento notabilissimo. O Espirito de Deus. Odor di femina. O alcance da nova descoberta. Desillusões poeticas. Os pés do nosso gallego e a mão d'uma oitentona. Conselhos praticos ao sr. Almeida, da rua da Magda-lena, e conclusão judiciousa.

TERMINA com este numero a primeira serie das *Aguilhadas*. E' já um longo caminho andado para quem vae só, com essa mesma unica força da sua independencia, por tão aspera jornada. N'esse percurso, feito com coragem e perseverança, juntou o auctor ás suas convicções antigas os fructos d'um salutar ensinamento: desfez illusões, colheu ideias novas, conheceu melhor os homens e ficou pensando desoladoras coisas sobre o presente, o passado e o futuro da terra em que nasceu.

Elle tinha-se preparado mal: Leu os *Lusiadas*, leu as chronicas que Bernardo Gomes de Brito compilou no mais extraordinario livro de prosa que possuimos, passou por alto pela *Historia* de Herculano, porque suas debeis forças não podiam com o peso da erudição do grande homem, e, por fim, aprendeu a desilludir-se nos livros d'esse espirito illustre que traçou na *Vida de Nun'Alvares*

o capitulo mais bello d'uma historia de grandezas. Que este ultimo auctor fôra um amargo pessimista, litteratiço e videirinho, lhe haviam dito dois imbecis democraticos nas folhas de propaganda em que a sua boa-fé acreditou. E assim, em seu intimo ficou a crença de que a nossa terra fôra grande e tão grande que poderia viver ainda, salvar-se, á custa d'essa mesma grandeza extinta. Pensava que, se não faziamos hoje demandas de Prestes Joões nem rompíamos contra a moirama infiel a guerra santa, ao menos eramos modestos mas honrados netos d'esses que a epilepsia do heroismo conduzira a tão gabados feitos. E á semelhança de certa dama, filha d'um modesto funcionario e neta d'um barão, que, quando lhe perguntavam o nome do pae dizia sempre o do avô, assim nós esqueceríamos a parentelha dos partiquinos da tragi-comedia do constitucionalismo e dissensões consequentes, para apregoar, á laia de pendão de triumpho, o nome d'esses que foram em perigos e guerras esforçados e marcaram, n'um rastro de valorosas aventuras, o caminho maritimo do oriente.

Seríamos um povo de netos de avós que foram grandes e, nos feitos d'honra da apregoada estirpe, saberíamos, em bom ensejo, colher o ensino d'uma erguida tradição de gloria. Desalentados, mas honestos, gente de bom sangue, simplesmente dormindo a somneca confortante d'um

bem merecido descanso... Capazes de caminhar altivos se nos dessem um estímulo, se nos abanassem, se nos acordassem, se nos excitassem com beliscões ou aguilhadas um corpo de valentes, entorpecido por um somno reparador de quatro seculos...

Era assim que pensava o auctor quando, menino e moço, sahiu em ar de guerra de casa de seus paes...

Ha já mais d'um anno que o modesto escrevinhador d'estas pequenas coisas sem criterio nem arte, pediu aos seus contemporaneos que se considerassem bêstas um instante, E, exceptuando um bardo de Guimarães que repontou com um comprovativo par de coices, todos pareceram annuir sem reluctancia á transitoria situação que se lhes dava.

Era de resto uma metamorphose méramente symbolica, um divertimento de expressão gravativa e pittoresca, imaginada pelo auctor para que dêsse, n'um relance, toda a exacta comprehensão do seu intuito.

Mas, feita a imagem, fixado graphicamente o symbolismo, quando o auctor declarou já tudo pronto e mandou que desfizessem a contrafeita

postura, como um photographo manda sahir da pose ao terminar a operação, viu com espanto que, se meia duzia se levantava e erguia as mãos ao ar com o modo natural de quem costuma fazê-lo normalmente, a grande maioria ficava immutavel, a quatro pés, orelhas longas, melancolicamente pastando por este Portugal fóra, aqui e além, as raras hervas d'um grande prado exhausto.

E do assombro que o tomou n'essa hora Augusta ainda hoje se lembra como se n'este mesmo instante houvesse succedido...

Meu Deus! O auctor parecia desconhecer as conclusões mais elementares da pathologia nervosa, como essa que afirma de raridade a transmissão da mesma especie morbida na familia neuropathica. Un louco moral pode ser filho ou neto d'outro louco moral mas é muito mais provavel que o seja d'um epileptico, d'um neurasthenico, d'um idiota ou d'uma hysterica. A epilepsia do heroismo pode ser de avós a netos a imbecilidade, o esgotamento ou a falta de senso-moral absoluta.

Nós viemos aos trambolhões por esses seculos fóra de Camões ao sr. Dom Bramão, de João das Regras ao sr. presidente do conselho e

do condestavel D. Nuno ao sr. Pimentel Pinto.

Não é isto um povo agonizante, é uma nação inteira que se atola, que ingloriamente se vae extinguindo de vez n'um mar de lama. Sumiu-se nos no liberalismo o ultimo esforçado arranco da aventura derradeira e foi preciso que nossos paes tivessem sonhado muito, crido com toda a energia d'uma grande fé, para que a nossa desillusão pudesse ser tamanha.

Portugal d'hoje nasceu cynico, descrente, prosaico e somnolento, arrastou-se cansado até ao Terreiro do Paço e, encostando a cabeça a uma cadeira de engraxador — adormeceu. Espoliaram-no: começaram por lhe tirar o relógio e a corrente e acabaram por lhe arrancar com desespero os ultimos farrapos. E o desgraçado quando acordou e viu, chorando, toda a extensão da sua miseria, correu a vista em redor e ainda pôde enxergar ao longe, ao dobrar d'uma esquina, um cavalheiro de espadim e chapéu armado que lhe levava soffregamente o ultimo pedaço da sua pobre camisa esfarrapada. Roubado então, na miseria extrema, sem um trapo para se cobrir nem um bocado de pão para comer, o novo Portugal ergueu-se, esfregou os olhos, caminhou para o ministerio do reino — e foi pedir um logar de amanuense.

Sociedade que sae do berço para o emprego publico e deixa as tetas da ama para ir sugar logo depois as do thesoiro, a cada dia se revela por uma auzencia de senso moral que dá nas vistas. E, no meio da chusma, banalizada pelo numero, de comparsas anodinos d'uma comedia tôrpe, destaca-se por seus talentos, um ou outro exemplar curioso :

Este bojudo e enxundioso homem de estado aspira a uma posição preponderante que nem o seu passado, nem os seus ignorados meritos reclamam. E, para vencer, arditosamente, sem ruido, põe em jogo a astucia e enreda, intriga, conspira, sem mesmo querer saber se essa conspiração ou essa intriga vão attingir mais ou menos dolorosamente o homem á custa de quem se foi formando e que por isso mesmo lhe cumpria sempre respeitar.

Esse outro, homem severo de conducta e teimoso sempre no afastamento dos negocios politicos, rompe a abstenção para seguir atrás d'um estadista em quem umas centenas de creaturas limpas puzeram a sua ultima esperança. Conta com a gratidão do seu chefe politico e consequente benevolencia n'uma questão em que, como funcionario, esse chefe intervirá. O funcionario cumpre o seu dever, condemna, e o homensinho,

confessando-se de vez desilludido, manda á tabúa o chefe, com estrondo.

Um ministro é atacado violentamente por um individuo honesto que tem logar nas côrtes e um providencial golpe d'estado livra-o do supplicio d'uma resposta. D'ahi a pouco, como esse individuo exerce um cargo publico de importancia, o ministro consegue lançar em publico mais ou menos arditosamente uma accusação que o fere; offende-o com o simulacro d'um inquerito, enxovalha-o deante de todos, e quando elle se quer justificar perante esse mesmo publico que presenciou a affronta, quando pretende illibar o seu nome da mancha d'uma calumnia, o ministro fá-lo calar com o imperio da sua auctoridade.

Mas a serie é longa e variada. Ha-os que sabem cobrir a malandrice com o babito severo de paladinos da virtude, ha-os que supplicam de joelhos um logar commum das folhas, pivetes de aptidões em quem o natural pudor acaba cedo, homens de vulto cujo passado é uma escada em que cada degrau é uma infamia...

Quando um jornal levanta uma campanha, por mais justa que ella seja, por mais conforme com o modo de ver de toda a gente, embora ella se escude nas mais estrictas normas da moralidade e são costumes, logo se investiga qual a razão occulta que leva o redactor ou o proprietario da gazeta a proceder assim: se é pretenção

indeferida de que se vinga, se é maroteira maior que quer vencer.

Se uma voz de protesto se levanta, desassombrada, demolidora, de toda a parte se ouve perguntar com certo interesse: «Que posta quererá arranjar este marau?» Porque, por via de regra, em Portugal só diz alto e sem medo, o que sente e o que pensa aquelle que põe em almoeda o seu silencio e quer guindar o preço á altura arrogante da sua independencia.

No meio d'essa derrocada aterradora, as *Agulhadas* são, graças a Deus, uma excepção. O seu auctor é uma creatura honesta, um pouquinho ingenua, que se distingue dos seus compatriotas em não aspirar a uma pasta de ministro, nem a uma cadeira de deputado, nem á de simples vogal de junta de parochia. Procura sêr justo e está convencido de que o tem sido sempre; e possui sobretudo o merito pouco visto de esquecer as opiniões dos outros para livremente poder formar a sua. E' cidadão portugûês, maior de vinte e um annos, está quite com a fazenda, tem folha corrida e por isso se encontra ao abrigo da lei que lhe permite emittir as suas opiniões, pois que as suas crenças monarchicas e a sua polidez habitual

o poem a salvo das excepções prohibitivas. Apegou-se ao começar á Divina Providencia e á protecção das leis do reino e, se é certo que lhe não foi mistér seccorrer-se d'esta ultima que elle sabe seria solícita em servir-o, deve em amor á verdade declarar que do favor de Deus logrou as graças d'uma travessia sem naufragio, nem sequer rija tormenta que obrigasse a desnorrear a caravela.

A nossa imprensa é sempre prodiga em elogios para quem, de chapéu na mão, lh'os vae pedir. Nos outros casos limita as suas referencias a meia duzia de linhas incolores e insipidas, quando não prefere o expediente incivil de se calar, E, embora alguém lealmente ataque as ideias que ella parece ter de vez em quando, os seus modos de ver mais favoritos, embora se se lhe escavaque um idolo aos pés e se lhe pergunte abertamente porque razão momentos antes o tinha enthronizado, essa imprensa não se defende, não combate, não discute, e deixa-se ficar com aquelle ar de superior indifferença que dispensa qualquer de ter talento e de ter espirito.

As *Aguilhadas*, valha a verdade, não tiveram muito a lutar contra a hostilidade dos emeritos

periodicistas. Foram recebidas, discreta mas amavelmente, com uma duzia de noticias feitas pelos figurinos consagrados e três ou quatro elaboradas com intelligencia e uma generosa boa-vontade que nunca o auctor deixará de lembrar com gratidão. Depois... uns calaram-se, não sei se arrependidos se maçados, outros começaram a restringir a prodigalidade da adjectivação antiga e um ou outro que se mostrara fulo de começo fez acto de contrição muito tocante.

Para alguns, o auctor que ao principio fôra «o illustre», «o distincto», «o talentoso», passou a ser, *tout court*, «o escriptor», com escala por «o moço», «o opinioso» e «o dicaz». Fizeram-lhe o favor de lhe não chamarem «o habil» para o não confundir com os chefes da policia, mas não lhe pouparam mesmo a nota de «o arrojado» e «o corajoso» que o nivela em calão de folhas aos moços de forcado.

Para o criterio d'esses, a serie das *Aguilhadas* desfez illusões risonhas sobre o merito de quem as escreveu. Profundamente lamentavel! Elles que tiveram esperança, elles que quizeram animar, elles que realmente contavam com que o rapaz desse alguma coisa... Ai! o auctor garante a vossas excellencias que se encontra n'este instante a dois passos só da commoção...

Mas uma revista de Lisboa que em Agosto de novecentos e três escrevia a proposito do se-

gundo numero: «O sr. Paulo Osorio, escriptor portuense d'uma mediocridade já largamente attestada em gazetas provincianas...», em Abril d'este anno, fallando do numero oito, publicava: «O sr. Paulo Osorio é entre os escriptores da nova geração do norte um dos que mais se salienta e se distingue pela sua forma correctissima e pelo seu bello senso critico».

O auctor tinha catechizado em oito mêses aquella boa alminha do Senhor!

E assim irá cathechizando outros pelo tempo adiante, dentro do mesmo laudel das leis do reino e d'essa Divina Providencia que a palavra regia uma vez por anno invoca. Talvez com menos fé, mas com essa sinceridade que é o privilegio das almas limpas e a sua maior força. «Rarement un esprit ose être ce qu'il est» disse Boileau, e é á regra geral inclusa n'essa verdade admiravel que o auctor, na sua modestia, procurará sempre fugir.

Infelizmente a obra não é grande nem pode sê-lo: porque ao auctor falham as aptidões para tanto e porque mesmo dentro d'estas paginas não cabem mais que ligeiras annotações, feitas sobre o joelho, a correr, commentarios lançados á pressa ao facto que passa, duas palavras sobre um livro

ou sobre um quadro que, volvidos dois dias, já não lembra. A oportunidade aqui é dominante: perdê-la é perder tudo. E recorda aquelle dialogo encontrado nos papeis soltos de Daudet:

« — Pourquoi tes chansons sont-elles si courtes? disait-on à l'oiseau... tu n'as donc pas beaucoup de souffle?

— J'ai surtout beaucoup de chansons et je voudrais les dire toutes. »

O auctor pede licença aos poetas lyricos de ser ave canora, para a precisa apropriação d'este conceito.

ALFREDO PIMENTA.
Este desventurado, em quem já aqui diagnostiquei a imbecilidade, d'uma forma terminante e com uma comprovação absoluta, escreve agora n'uma folha de Lisboa, sob o pseudonymo de Claudio Larcher.

Confirma-se felizmente o meu prognostico: sahindo do meio de Coimbra, o doente ficou melhor. Já formou um raciocicínio e esse para mais judicioso. Foi no momento em que teve vergonha de si proprio e, tentado ainda a perpetrar o coice, afivelou por decoro aquella mascara.

LIVROS NOVOS.
« *O Encoberto* », por Bruno.
Se o auctor d'este novo livro de critica historica possuisse a arte de nos dizer tudo o que sabe, decerto a sua obra, valiosa já pelos fru-

ctos d'uma vasta erudição que enthesoira e divulga, teria em grau mais alto o merito d'um proveitoso ensinamento.

Não que eu cuide, como muitos, que a sciencia do sr. José Sampaio é tão confusa como extensa, nem que a obscuridade frequente nos seus livros resulte da falta de clareza do proprio raciocinio. Para mim a unica qualidade má da sua obra, tão cheia de saber e são criterio, é unicamente um defeito de forma, que deixou modelar exemplo no arrevesado prologo das *Notas do Exilio*.

Bruno é um dos primeiros pensadores de Portugal moderno e talvez aquelle que, livre de paixão, melhor soube encarar o seu papel de critico, n'uma sociedade como a nossa e n'uma epoca como a d'hoje, pondo sempre a sua obra fóra do alcance d'uma guerrasinha miuda de interesses e vaidades. Esse *Encoberto* é uma bella obra de estudo em que a documentação é copiosa e a parte critica perfeita; obra importante que se não pode de modo nenhum apreciar intimamente no relance d'uma noticia breve. Mas, se é certo que a clareza é uma qualidade primordial para todo o que escreve e sobretudo para o vulgarizador, eu tenho por justiça de dizer que em Bruno essa qualidade desaparece infelizmente sob uma exposição desordenada, n'um estylo que se fôsse mais natural seria bem mais simples e não deixaria tambem de ser mais bello. E' esse porém um defeito pura-

mente cortical que, restringindo muito embora o alcance das suas obras, lhes não diminue o merito intrinseco. *O Encoberto* não fica sendo um livro para todos, nem sequer para a maior parte; mas, para meia duzia de pessoas cultas que o leiam e o entendam, marcará a confirmação d'um soberbo talento e d'uma erudição notabilissima.

«*A Minha Paysagem*», por Mayer Garção.

O poeta escolheu para divisa do seu livro a definição de arte de Zola: «...a natureza vista através d'um temperamento» e, sabido que o seu temperamento é o d'um forte, commovido mas energico, capaz de cantar e de chorar mas de lutar tambem com toda a força d'uma inabalavel fé, logo se vê que o poema ha-de ser um cantico pantheista, cheio de entusiasmo e de saude, feito em versos correctos de mais para deixarem de merecer o mais subido apreço.

Daria este livro a Mayer Garção um logar illustre na nossa litteratura, se esse logar já de ha muito elle o não houvesse conquistado por uma obra vasta e perseverante, edificada laboriosamente com amor, com talento e com vontade.

HA tempos já que o *Diario Illustrado*, de Lisboa, vae atirando ao pasmo elegante da sociedade fina que o procura, um annuncio que se poderia dizer de sensação, á falta de melhor termo para exprimir o complicado interesse, picante e attrahente, da novidade que com elle vae arremessada aos quatro ventos incertos do destino, para cahir bem cedo na escuridão do olvido ou subir n'um pulo aos páramos da gloria.

O caso é nem mais nem menos que a invenção d'um perfume a que o seu auctor pôz o nome de *Espirito de Deus*, como prova de gratidão pelo sopro de genio que, em tão boa hora, por intervenção divina decerto, o bafejou.

«Este perfume é, segundo o annuncio, de uma odoriferação desconhecida e de uma penetrabilidade rapida e flexivel; a sua suavidade é aprazivel e de condicional necessidade, e a sua persistencia é infinitamente sensivel e deleitante. O *Espirito de Deus* é, em boa theoria, o perfume da *mulher*, unico que se deve adoptar sem-

pre que uma *dama* precise denunciar-se ou pôr em evidencia a sua existencia, e sobre tudo quando a formosura e a elegancia de uma *donzella* tenham de ser despertadas pela fina flôr da mocidade. O *Espirito de Deus* exhala docemente o seu odor, extasia os espiritos menos juvenis, destroe-lhes o indifferentismo, dá-lhes uma convivencia perfumada e devolve-os aos vaevens da mocidade.»

N'esse estylo intrincado e arrevesado, tão vulgar, de resto, em Portugal, nos homens de bom saber, essas linhas dizem-nos coisas assombrosas, d'essas que nos espantam pelo garrido vermelhar do pendão de novidade que as reclama e pela audacia temeraria de quem as produziu.

Cada frasco custa mil e duzentos reis, mas, sob esse aspecto mercantil que certamente não foi o que mais estimulou a inventiva prodigiosa do auctor, a gente descobre um acto meritorio que ha-de ser digno sem duvida do nosso applauso mais vivo e mais sincero.

Vende-se em Lisboa na Pharmacia Almeida da rua da Magdalena, no Porto na do dr. Moreno, na drogaria Villaça, de Coimbra, e fazem-se descontos para revender; mas isso, é claro, não obsta a que, em breve, se venda o elixir em cada pharmacia, em cada esquina, em toda a parte, aqui e lá fóra, no velho e novo mundo, quando a sua nomeada fôr alastrando, alastrando, como o movimento que produz uma pedra lançada na serenidade crystallina d'um lago; e esses mesmos descontos para revender, hoje modestos como os

permitte uma industria que quasi alvorece apenas n'este instante e os explica a hesitação dos primeiros passos, em breve duplicarão, reduplicarão, quando o invento subir ás regiões da fama, sem farfalhudos reclamos, serenamente, como sobe uma espiral de fumo pelo ar.

E' preciso porém que a nova descoberta seja vista minuciosamente á luz serena d'um criterio desapaixonado e são.

Entre os varios odores mais ou menos peculiares á especie humana alguns são communs de dois, e esse extranho perfume da mulher que o annuncio vagamente nos diz no seu ar encoberto de mysterio, por certo não é um d'esses que se podem verificar a cada esquina, de pituitaria aberta de par em par ás emanações feminis d'uma qualquer.

Não é decerto aquelle de que o sabio Moreau (de la Sarthe) nos falla assim: «L'odeur de certaines femmes, qu'un medecin de Paris comparait á celle des singes...» Mas talvez seja esse outro estonteador, semi-celeste, que se desprende da cutis deliciosa da branca mulher amada e fere violento, n'um bardo idealista, a mocosa tremente e apaixonada. E' por certo esse perfume vago, suave, indefinivel, que enche a alcova d'uma mulher de vinte annos, perfume que se não sabe bem se é uma coisa real, verificavel, se apenas uma illusão do nosso espirito, se, na realidade,

physicamente nos impressiona e faz vibrar o nervo do olfato ou se apenas o sonhamos, irresistivelmente á luz d'um lindo olhar traquinas, junto á frescura d'uma mocidade sã.

Reduzir agora todo esse alfobre de lindos sonhos deliciosos, toda a odorifera magia d'um tão subido encanto ás proporções laconicas, positivas e bruscas, d'uma formula chimica, será, sem duvida alguma, um passo agigantado nos dominios inexplorados da sciencia, mas é tambem um pontapé formidavel que a pobre da poesia apanha sem esperar.

Aquelle privilegio d'uma mocidade ridente e florida ficou á disposição, agora, do mais reles freguês d'algum droguista e ninguem poderá impedir que amanhã o nosso aguadeiro bõrrife com algumas gotas do precioso elixir os pés gallegos e levando-os, envoltos em sedas, para junto á banca d'um poeta lyrico, o faça exclamar: « Oh pés deliciosos, bem dignos do sapatinho ideal de Cendrillon ! »

Mas é horrivel, deliciosamente horrivel, scientificamente horrivel, meus senhores !

Pensar a gente ainda que a mão encarquilhada d'uma oitentona póde ser, para o nosso olfato, a nossa attenção, o nosso amor, a mãosita a respirar toda a aristocracia joven d'uma duquezinha gentil, sonhar a gente que póde, descuidado, encontrar todo esse encanto, arrebatador e ardente,

d'uns labios frescos, a espirar o perfume delicioso da mocidade, junto ás faces luzidias da nossa cosinheira... ah, decididamente é o mais autentico despanhadeiro que mãos humanas poderiam crear para a derrocada final do sonho e da poesia.

Amadas nossas, andorinhas gentis do amor que sois a primavera da nossa alma, mocidades de cutis delicadas e olhos negros de mysterio: enchei-vos de toda a complicada chimica dos perfumes, com os que preferirdes, fazei correr sobre vós, a rodos, o opoponax, o ambar, a baunilha, o trevo, a violeta, o heliotropo, o cravo, o corylopsis, o musgo e o alecrim, que o vosso perfume, aquelle que Deus insuflou na costella que vós sois do nosso barro, esse... está na mão do snr. Francisco Manoel Pereira de Almeida, da rua da Magdalena, 134!

Mas comtudo, pelo lado da sciencia, é innegavel que a obra d'esse homem tem valor e certamente será a base d'um aturado estudo da chimica variadissima dos perfumes animaes.

No emtanto a transcendencia do novo invento não permite varrer do nosso espirito uma duvidasinha intromettida e teimosa que por certo eminentes attestados virão banir inteiramente.

De onde se concluirá então que isto de reproduzir o cheiro da mulher que não lembraria ao diabo, lembrou ao snr. Almeida, de Lisboa, o que, além de indicar a incontestavel intervenção so-

brenatural, merece que o louvemos como um dos raros que alguma cousa produz no meio da inercia preguiçosa que enche de lés a lés a terra portugueza, abafando ao nascer, as mais bellas iniciativas, aptas a frutificar mais tarde no aspecto delicioso das mais galantes invenções...

De notar é porém que a imprensa poupa as merecidas referencias ao novo invento. Se o snr. Almeida tivesse perpetrado em tempos idos quatro estrepitosos versos, arranjasse a cara no feitio d'alguma notabilidade do seculo, estudasse em cada manhã as phrases retumbantes para maravilhar os parvos todo o dia, e se, sobre tudo isso, levasse o seu perfume n'uma viagem de recreio até Paris, — talvez então essa mesma imprensa se lhe rojasse aos pés admirada, e os seus conterraneos o levassem de premio em premio, desde a civica homenagem com pranchadas e farta exhibição da brandura dos nossos costumes até á immortalidade no letreiro d'uma esquina.

O sr. Almeida tem talento, é certo; mas hoje isso só assim, a sêco, não basta. E' preciso exhibi-lo, mettê-lo pelos olhos dentro da turba ignara: vestir com talento, caminhar com talento, fumar com talento, comer com talento, digerir com talento, arrotar com talento, gesticular com talento, sorrir com talento e, quando se haja de deitar falla, com talento ainda, e a proposito de lá seja o que fôr, ir buscar ao ferro-velho da retho-

rica provinciana o estylo gravissimo, solemne, profundo e apocalyptico.

Mas, já que a sua inveterada modestia lhe não permite coisas d'essas, então tenha o sr. Almeida fé na posteridade. Livre de paixões, impassivel e friamente, avaliando o seu trabalho, ella ha-de fazer justiça.

AGUILHADAS

Volumes de 16 a 32 paginas

EM PORTUGAL

Numero avulso, 50 reis
Serie de 12 n.ºs (pag. adeant.) 500 reis

NO BRASILEL

Numero avulso:
300 reis da fr

DEPOSITO EM PORTUGAL :

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

— DE —

EDUARDO TAVARES MARTINS

8, Rua dos Clerigos, 10 — PORTO

Camisaria da Moda

64, Rua de Santo Antonio, 66 - PORTO

COMPLETO SORTIDO DE ROUPA BRANCA

PARA HOMEM E SENHORA.

DIVERSOS ARTIGOS DE NOVIDADE PARA HOMEM.

ESPECIALIDADE EM GRAVATARIA.

Enxovaes para casamento.

ERRATAS DA PRIMEIRA SERIE DAS «AGUILHADAS»

N.º	PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	DEVE LÊR-SE
1	9	21	mette-se	mettesse
2	21	2	E a nossa raça	É a nossa raça
3	21	8	relacionando	ligando
»	25	22	ella	elle
5	6	11	avô	bisavô
6	16	9	academia	academica
8	4	6	á vida, longe	à vida longe
»	»	26	<i>ora, orae</i>	<i>hora, horae</i>
»	19	1	se resolveu	resolveu
»	20	2	a prohibir-se	prohibir-se
9	8	25	<i>motivos</i>	motivos
10	15	11	verdade	Verdade
11	9	4	synthese	syntaxe

Ficam ahi indicadas apenas algumas das incorrecções que mais notavelmente desvirtuavam a comprehensão do que se escreveu.

SOUS PRESSE

Paulo Osorio

Histoire d'un mort

TRADUCTION DE

Philéas Lebesgue

Bibliothèque International d'Édition — Paris

LIVROS NOVOS

- Abel Botelho*—*Os Lazaros*, romance. Ed. Lello & Irmão—1 vol.
de 440 pag. 700
- Antonio Corrêa d'Oliveira*—*Auto de Junho*, versos. Ed. Fer-
reira & Oliveira—1 vol. de 32 pag. 100
- Ara*, versos. Ed. Ferreira & Oliveira—1 vol. de 158 pag. 700
- Julio de Lemos*—*Campesinas*, contos. Ed. Tavares Cardoso —
1 vol. de 262 pag. 500
- Philéas Lebesgue*—*Le Portugal littéraire d'aujourd'hui*. Ed.
E. Sansot & Cie — 1 vol. de 68 pag. 1 fr.50
- Sá d'Albergaria* — *O Segredo do Eremita*, romance. Ed. Em-
preza Litteraria e Typographica—5 vol. 1\$500

BREVEMENTE

Antonio de Carvalho, — *Ronda sentimental*, versos

**Na livraria depositaria das AGUILHADAS —
Rua dos Clerigos, 8-10 Porto — vendem-se,
ao preço de 40 reis, capas em papel de linho
para a brochura da 1.^a serie d'esta publi-
cação.**